

LITERATURA BRASILEIRA

Textos literários em meio eletrônico

Sermão da Primeira Oitava de Páscoa, do Padre António Vieira

Edição de Base:

Sermões Escolhidos, vol. I,

Edameris, São Paulo, 1965.

Na Matriz da Cidade de Belém, no Grão-Pará: Ano de 1656.

Na ocasião em que chegou a nova de se ter desvanecido a esperança das minas, que com grandes empenhos se tinham ido descobrir.

Qui sunt hi sermones, quos confertis ad invicem ambulantes, et estis tristes? Nos autem sperabamus quia ipse esset redempturus Israel (1).

§ I

A tragédia dos dois primeiros atos da famosa comédia de Páscoa. As lágrimas da Madalena, a tristeza dos discípulos de Emaús e o malogro da expedição em busca das minas. Assuntos do sermão: Muito melhor foi não se descobrirem as minas esperadas, que descobrirem-se; em lugar das minas incertas, que se não descobriam, descobrirá Deus outras certas, e muito mais ricas. Em um dia tão alegre como o de Páscoa, em que, pela gloriosa Ressurreição de Cristo, Redentor nosso, se revogou com a mesma glória a antiga sentença de morte fulminada contra Adão e Eva, digna coisa de admirar é que nem nas filhas de Eva, nem nos filhos de Adão, se achem efeitos de alegria. Amanheceu o sol neste formoso dia mais arraiado que nunca, acrescentando tantos raios a seus naturais resplendores, quantos tinha eclipsado e escondido no dia da Paixão: e que é o que achou no mundo o mesmo sol, ou quando nasceu no Oriente, ou quando se foi pôr no Ocaso? Quando nasceu achou a terra orvalhada das lágrimas da Madalena, como se ela fora a aurora daquele dia: Mulier, quid ploras (2)?

E quando se ia pôr, achou a tristeza dos dois discípulos de Emaús: Et estis tristes(3) – como se neles se multiplicara, coberta de sombras, a estrêla da tarde, ou Vésper: Quoniam advesperascit(4). Tão trágicos como isto foram os dois primeiros atos ou aparências desta famosa comédia!

Para eu vos declarar quão naturais fossem as causas de um e outro sentimento, não me é necessário ir buscar o exemplo mais longe, pois a fortuna nestes mesmos dias vo-lo trouxe a casa. Não é grande desconolação buscar, e não achar? Pois essa era a desconolação da Madalena e das outras Marias: Non invento corpore ejus(5). Não é bastante motivo de tristeza esperar, e não suceder o que se esperava? Pois essa era a causa por que os dois discípulos iam tristes: Non autem sperabamus(6). Enquanto os cuidados e esperanças se põem na terra, não podem faltar desconolações e tristezas à terra. As Marias desconoladas, porque não acharam o que buscavam debaixo da terra: Veniunt ad monumentum(7) – e os discípulos tristes, porque lhes não sucedeu o que esperavam para remédio da sua terra: Quia ipse esset redempturus Israel(8).

Tais considero, senhores, nesta ocasião, ou tais são, ainda que se não considerem, as causas que parece nos fizeram menos alegres estas páscoas, as quais eu desejo a todos, e para todos peço a Deus tão liberais dos bens do céu, e também dos que não são do céu, quando o mesmo Senhor sabe que nos convém. Foram-se buscar debaixo da terra as minas de ouro ou prata, e, não se tendo achado depois de tanto trabalho, assim como as Marias se desconolaram de verem malogradas as suas diligências,

as suas prevenções, e ainda as suas despesas: Emerunt aromata(9) - assim confesso vos pode desconsolar o muito que nesta infeliz jornada se tem gasto de tempo, de cuidado e de fazenda. E assim como os discípulos iam tristes por ver baldadas e perdidas as esperanças, com que desejavam ver melhorada a sua pátria e restaurado o seu reino: Quia ipse esset redempturus Israel - assim vos concedo que é para entristecer e sentir não se ter conseguido a opulência própria, e da monarquia, que das mesmas minas desvanecidas, com tanto boato se esperavam. É, contudo, tão bom consolador Cristo, e tão apressado, que na mesma manhã enxugou as lágrimas das Marias, e na mesma tarde serenou a tristeza dos discípulos, como eu também determino aliviar a vossa hoje.

Resumindo-se, pois, à história do Evangelho, que, sendo sucedida ontem, reservou a Igreja para este segundo dia, dois afetos ou duas paixões naturais do ânimo consolou ou curou Cristo, Senhor nosso, nos dois discípulos de Emaús: a tristeza declarada e a esperança perdida: a tristeza declarada: Et estis tristes; a esperança perdida: Nos autem sperabamus. E sendo estes os mesmos dois afetos com que os corações da nossa cidade se acham menos quietos e satisfeitos, assim como o Senhor, mostrando-se vivo aos discípulos, sepultou a sua tristeza e ressuscitou a sua esperança, assim eu, para consolar uma e alentar outra, vos mostrarei vivamente duas verdades. A primeira, que muito melhor vos esteve não se descobrirem as minas esperadas que descobrirem-se. A segunda que, em lugar das minas incertas, que se não descobriram, vos descobrirá Deus outras certas, e muito mais ricas. Ambos estes assuntos parecem temporais, como também eram por causas temporais a tristeza e desesperação dos dois discípulos à ida; mas nem por serem temporais deixou de as consolar o divino Mestre, para as converter a elas e a eles em espirituais, como tornaram à volta. O mesmo pretendo eu com a graça do céu, que me ajudareis a alcançar: Ave Maria.

§ II

Nos autem sperabamus: Esperávamos de ter minas, e estamos desenganados de que as não há. Muitas vezes está a nossa perdição em sucederem as coisas como esperamos. Maldição de Jó à noite. O ouro e a prata as mais das vezes são como os dois cabritinhos de Jacó, com que enganou ao pai cego para levar a benção de Esaú.

Qui sunt hi sermones, quos confertis ad invicem ambalantes, et estis tristes?

Que práticas são estas que ides conferindo entre vós, e de que estais tristes? - Esta foi a pergunta que fez Cristo, Redentor nosso, aos dois discípulos que iam de Jerusalém para Emaús. E se eu fizesse a mesma no nosso Belém, e perguntasse às vossas conversações por que estais tristes, é certo que me havíeis de responder como eles responderam: Nos autem sperabamus: Esperávamos de ter minas, e estamos desenganados de que as não há, ou esperávamos que se descobrissem, e não se descobriram. E se eu instasse mais em querer saber o discurso ou conseqüência com que sobre este desengano fundais a vossa tristeza, também é certo havíeis de dizer, como eles disseram, que no sucesso que se desejava e supunha, estavam livradas as esperanças da redenção, não só desta vossa cidade, e de todo o Estado, senão também do mesmo Reino: Nos autem sperabamus quia ipse esset redempturus Israel. Ora, ouvi-me atentamente, e - contra o que imagináveis, e porventura ainda imaginais - vereis como nesta, que vós tendes por desgraça, consistiu a vossa redenção, e de quantos trabalhos, infortúnios e cativos vos reuniu e vos livrou Deus em não suceder o que esperáveis.

Primeiramente, havemos de supor que muitas vezes está a nossa perdição em sucederem as coisas como esperamos, e, pelo contrário, está o nosso remédio e a nossa conservação em não terem o sucesso que se pretendia. Em uma maldição muito encarecida de Jó, temos o mais claro e mais notável espelho que se pode imaginar desta verdade: Pereat nox, in qua dictum est: Conceptus est homo! Expectet lucem, et non videat, nec ortum surgentis aurorae (Jó 3, 3. 9): Maldita seja a noite em que fui concebido - diz Jó; - espere pela luz, e nunca amanheça; espere pela aurora, e nunca venha. - Parecer-vos-á - como pareceu a quem o disse - que esta era a maior desgraça que podia suceder à noite, e a maior praga que se lhe podia rogar, mas, bem considerando o caso, não era senão a maior

dita e a maior ventura. O maior inimigo que tem a noite é a aurora: enquanto não amanhece, conserva-se e persevera a noite; tanto que amanheceu, ficou acabada e perdida. Logo, aquela que parecia maldição não era maldição, antes era o maior bem, a maior felicidade que se podia desejar e imprecicar à noite, porque, se a noite esperasse pela manhã, em lhe suceder, como esperava, estava a sua perdição e o seu fim, e em lhe não suceder, como esperava, estava a sua conservação, o seu aumento e o seu ser.

O mesmo digo, senhores, da esperança das vossas minas, a qual eu nunca tive por bem fundada, e, perguntado, assim o disse. Lá se mostrou ouro e prata, mas estes dois metais as mais das vezes são como os dois cabritinhos de Jacó, com que enganou ao pai cego para levar a bênção de Esaú (10). Disse Jacó que o guisado que presentava ao pai era da caça, e ele não era do mato, senão do rebanho. Assim é o ouro e prata que lá levam: dizem que foi cavado da beta, e ele é fundido da bolsa. Por isso as minas não são minas para quem faz as despesas, e só são minas, como a bênção de Jacó, para os mesmos que as fingiram, e vêm ricos de mercês e salários, e cheios de jurisdições e onipotência, com que se fazem mais ricos. Mas, ou se não descobrissem as minas, porque as não há, ou porque, havendo-as, não quis Deus que se descobrissem, vede de quantos perigos e trabalhos vos remiu e livrou a misericórdia e providência divina em não suceder este descobrimento como esperáveis!

§ III

O que sucede ao campo que esconde tesouros. Em que param as amizades, as pazes e as confederações em havendo descobrimento de tesouros. Conselho das nações de Gog e Magog contra os hebreus. Advertência de Jeremias. Os tesouros de Ezequias e a cobiça dos babilônios. As minas de ouro e prata de Espanha e a conquista romana.

E para que comecemos pelos perigos que podem vir de fora e de mais longe, se este Estado, sem ter minas, foi já tão requestado e perseguido de armas e invasões estrangeiras, que seria se tivesse esses tesouros? Lá traz Cristo, Senhor nosso, a comparação de um campo, que era cultivado somente na superfície da terra, fértil de flores e frutos, porém, sabendo um homem, acaso, que no mesmo campo estava enterrado e escondido um tesouro: *Thesaurus abscondito in apro* (Mt 13, 44) - o que fez com todo o segredo e diligência foi ir logo comprar o campo a todo custo, e deste modo ficou senhor, não do campo por amor do campo, senão do campo por amor do tesouro. De sorte que toda a desgraça do campo em mudar de senhorio, e passar de um dono a outro dono, esteve em ter tesouro dentro em si, e saber-se que o tinha. Contentemo-nos de que nos dêem os nossos campos pacificamente o que a agricultura colhe da superfície da terra, e não lhes desejemos tesouros escondidos nas entranhas, que espertem a cobiça alheia, principalmente quando os mesmos campos não estão cercados de tão fortes muros que lhe possam facilmente defender entrada.

Conta a Sagrada Escritura, no capítulo trinta e oito de Ezequiel - ou seja história do passado, ou profecia do futuro - que, sabendo as nações de Gog e Magog que os hebreus viviam ricos e descansados nas suas terras, fizeram conselho entre si de os irem conquistar, fundando esta deliberação em dois motivos: o primeiro, que tinham ouro e prata; o segundo, que não tinham muros. Um motivo os excitou à conquista, e outro lha facilitou. O que os excitou foi o ouro e a prata: *Ecce ad diripiendam praedam congregasti multitudinem tuam, ut tollas argentum et aurum*(11) - e o que os facilitou foi serem terras habitadas, sem muros nem fortificações: *Ascendam ad terram absque muro; vectes, et portae non sunt eis*(12). E terras que têm ouro e prata, e não têm muros fortes que as defendam, naturalmente estão expostas à cobiça e invasão dos inimigos, porque o ouro e a prata que têm, excita a cobiça, e os muros e fortificações que não têm, facilitam a invasão.

É verdade que os hebreus naquele tempo estavam muito seguros com a paz das outras nações, e já livres de suas armas: *Ad terram, quae reversa est a gladio ad quiescentes, habitantesque secure*(13). Mas esta segurança é muito enganosa. Onde há nova ocasião de interesse, não há confederação que dure. Ouvi um dito notável de Jeremias: *Nunquid foederabitur ferram ferro ab aquilone, et aes* (Jer 15, 12)? Cuidais que o ferro do norte - do norte diz nomeadamente: *ab aquilone* - cuidais que o ferro do

norte se pode confederar com outro ferro, e o seu bronze com outro bronze? – Enganais-vos - diz o profeta àqueles com quem falava - e o mesmo vos certifico eu, sem ser profeta. Livrou-vos Deus da prata, porque vos quis livrar do ferro. A arte, com a prata, liga os outros metais; e a cobiça, com a prata, desfaz e rompe todas as ligas.

Confederados estavam os israelitas com os babilônios, e era tanta a amizade e boa correspondência entre um e outro rei, que Baradac, rei de Babilônia, soberbíssimo e potentíssimo, sabendo que Ezequias, rei de Israel, tinha convalescido daquela grave enfermidade em que esteve à morte, lhe mandou embaixadores com grandes presentes a lhe dar o parabém da saúde. Quis-se mostrar agradecido Ezequias, e, em sinal de benevolência e confiança, levou os mesmos embaixadores ao mais secreto do seu palácio, e ali lhes descobriu e manifestou todos os seus tesouros. Ele e eles ficaram mui satisfeitos; mas não eram passadas vinte e quatro horas, quando Deus mandou anunciar a Ezequias as perigosas e tristes conseqüências daquele descobrimento: *Ecce dies venient, et auferentur omnia, quae in domo tua sunt, et quae thesaurizaverunt patres tui usque ad diem hanc, in Babylonem; non relinquetur quidquam, dicit Dominus. Et de filiis qui exhibunt de te, quos genueris, tollent, et erunt eunuchi in palatio regis Babylonis* (Is 39, s): E vós, Ezequias, fostes tão inconsiderado, que manifestastes os vossos tesouros aos embaixadores de Babilônia? Pois sabeí, diz Deus, que os babilônios os virão buscar, e não só se farão senhores dos mesmos tesouros, sem deles deixar coisa alguma, senão que até a vossos próprios filhos cativarão e levarão presos a Babilônia, para lá se servirem deles. - Eis aqui em que param as amizades, as pazes e as confederações, em havendo descobrimento de tesouros. Dai graças a Deus de se frustrarem as vossas esperanças, e não lhe sejais ingratos com vos entristecer, pois assim vos quis livrar de tamanhos perigos.

Se em Espanha não houvera minas de ouro e prata - das quais, diz Estrabo, que eram as mais ricas do mundo - nunca os romanos iriam a lhe fazer guerra de tão longe, nem com tanto empenho e pertinácia. Assim o dá a entender a mesma Escritura Sagrada no primeiro livro dos Macabeus, referindo as conquistas dos romanos e a fama das suas vitórias: *Et quanta fecerunt in regione Hispaniae, et quod in potestatem redegerunt metallam argenti et auri, quae illic sunt* (14). Não diz que conquistaram os homens, senão as minas, porque as minas foram o motivo da guerra e da conquista. Como a gente de Espanha era tanta, tão remota e tão forte, gastou a potência romana na pertinência desta conquista duzentos e trinta e cinco anos – vede se serão cá necessários tantos! – até que finalmente a terra, as minas e os moradores, ficaram todos sujeitos ao jugo e domínio estranho, presidiados de suas legiões, tributários à sua cobiça, governados e oprimidos da sua tirania, e o mesmo ouro e prata – que, como diz o Espírito Santo, muitas vezes é redenção do homem – para eles foi a causa da servidão, e o reclamo que chamou de tão longe e lhes meteu em casa o cativoiro.

§ IV

Um dos maiores castigos que Deus podia dar ao Maranhão era descobrirem-se nele minas. Quais são os escondidos de Deus, de que fala Davi? As minas e seus descobrimentos são castigos escondidos debaixo de aparências contrárias. As minas do Cabo de S. Vicente, o promontório sagrado, sepulcro de Tubal e de Hércules.

Mas, dado que as minas tão esperadas e apetecidas não tivessem, por conseqüência de sua fama, estes perigos de fora, bastava a consideração dos trabalhos e misérias domésticas, que com elas se vos haviam de levantar de debaixo dos pés, para que o vosso juízo, se o tivésseis, tratasse antes de sepultar as mesmas minas depois de achadas, que procurar de as desenterrar e descobrir, ainda que foram muito certas. Um dos maiores castigos que Deus podia dar a esta cidade, e a este Estado, era descobrirem-se nele minas. E não sou eu o que o digo, senão a prudência e verdade de quem se não podia enganar.

No Salmo dezesseis pede Davi a Deus lhe faça justiça, e dê a seus inimigos o castigo que merecem, pela desumanidade de feras com que perseguiram sua inocência. E, depois de dizer que Deus tinha ouvido sua petição, profetiza o castigo que o justo Juiz havia de dar aos mesmos inimigos; e como se

já lhos tivera dado, refere-o assim em poucas palavras: De absconditis tuis adimpletus est venter eorum (Sl 16, 14): Fartastes, Senhor, a sua fome, com os encher dos vossos escondidos. - Entram agora os intérpretes a examinar quais são os escondidos de Deus. E o sentido mais próprio e mais literal, com Símaco e outros, é que os escondidos de Deus são as minas de ouro e prata. O ouro e a prata tem-nos Deus escondidos lá no profundo da terra, onde os criou, e quando o mesmo Senhor é servido que se descubram as minas, então aparecem e se manifestam estes escondidos de Deus: De absconditis tuis. - Mas se Davi tinha pedido a Deus que lhe fizesse justiça, e castigasse a seus inimigos, e o mesmo Deus lhe tinha prometido de o fazer assim e de os castigar, como diz que lhes há de descobrir o ouro e a prata que tem escondidos nas minas, e os há de fartar delas: De absconditis tuis adimpletus est venter eorum? - Mais apertadamente ainda. Neste salmo, que todo é profético, assim como na pessoa de Davi é figurado Cristo, assim nas perseguições de Davi são significadas a crueldade e ingratidão com que Cristo foi tratado em vida por seus inimigos, e as maldades e pecados com que ainda hoje é desacatado e ofendido. Pois, em prêmio dessas ofensas, dessas maldades e desses pecados descobre Deus os seus tesouros que tem escondidos debaixo da terra, e enche e farta de ouro e prata aos que estão famintos de minas? Sim, porque essas minas que tanto se desejam e estimam, ordinariamente não as descobre, nem as dá Deus por merecimentos, senão em castigo de grandes pecados. Ouvi o comento de todos os padres gregos sobre o mesmo texto, divididos em duas opiniões, mas ambas concordes no que tenho dito: Illud autem de absconditis, alii quidem intellexerunt de suppliciis, alii vero de fustilibus metallis (15): Aqueles que o profeta chama os escondidos de Deus, uns dos santos padres entenderam que significam castigos, e outros que significam minas - e uns e outros não discrepam, mas concordam admiravelmente na mesma diferença de um e outro sentido. Por quê? Porque as minas, quando Deus as descobre, são castigos; e um dos maiores castigos que Deus dá por pecados é o descobrimento de minas: De metallis fustilibus, de suppliciis.

E notai a misteriosa propriedade com que este gênero de castigos se chamam também os escondidos de Deus: De absconditis tuis - porque Deus umas vezes castiga com castigos manifestos, e outras vezes com castigos escondidos. Os castigos manifestos são os que todos temem e reconhecem por castigos, como são as fomes, as pestes, as guerras, e outras calamidades temporais; os castigos escondidos e ocultos são aqueles que não se reputam nem temem como tais, antes se estimam e desejam como felicidades e boas fortunas: e deste gênero são as minas e seus descobrimentos. São castigos escondidos debaixo de aparências contrárias, porque se apetezem, estimam e festejam enganosa e enganadamente, sendo certo que debaixo do preço e esplendor do ouro e prata se ocultam e escondem grandes trabalhos, aflições e misérias, com que a justiça divina, por pecados, quer castigar e açoitar as mesmas terras onde as veias destes metais se descobrem. Deus tanto pode açoitar com varas de ferro, como com varas de ouro e de prata; antes estes açoites são muito mais pesados, quanto a prata e ouro pesam mais que o ferro.

Aquela ponta de terra montuosa, que hoje chamamos Cabo de S. Vicente, antigamente se chamava Promontório Sagrado, por estar ali o sepulcro de Tubal, primeiro pai da nossa nação, e também o de Hércules, um dos mais famosos e amados reis da Lusitânia. Havia minas neste promontório, as quais, por causa da mesma veneração, também era vedado cavarem-se; e dizem as histórias daquele tempo que só em um caso se permitia aos moradores aproveitarem-se do ouro e da prata das ditas minas. Mas qual era este caso? Coisa verdadeiramente admirável, e muito digna de se notar. O caso era quando caía do céu algum raio que penetrasse a terra, e descobrisse os preciosos metais que nela estavam escondidos. De sorte que naquela terra, também nossa, o abrirem-se minas e o caírem raios do céu, tudo vinha junto, como se o céu nos pregara que o descobrimento de minas na terra não são felicidades e boas fortunas, como se imagina, senão execuções da ira de Deus, e castigos do céu.

§ V

Os martírios e horrores das minas de Potosi. Os anacoretas das minas de ouro e prata. Quais haviam de ser enterrados vivos naquelas furnas caso se descobrissem as minas? A pior de todas as ameaças: os ministros reais e quantos oficiais de justiça, de fazenda e de guerra que viriam, mandados ao

Maranhão, para extração, segurança e remessa do ouro e da prata.

E para que vos não pareça que são isto encarecimentos lenitivos, inventados para divertir a tristeza, e dar espécie à consolação, troquemos este ouro e prata em miúdos, e vejamos os proveitos e interesses que do descobrimento de minas haviam de resultar à vossa terra, no caso em que se tivessem achado. Eu nunca fui ao Potosi, nem vi minas, porém nos livros que descrevem o que nelas passa, não só causa espanto, mas horror, ler a fábrica e as máquinas, os artificios e a força, o trabalho e os perigos com que as montanhas se cavam, e as betas se seguem, e, perdidas, se tornam a buscar; os encontros de pedernais impenetráveis, ou de águas subterrâneas, que rebentam das penhas, as quais ou se hão de esgotar com bombas, ou abrir-lhes novo caminho, furando por outra parte os mesmos montes; o estrondo dos maços, das cunhas, das alavancas, e dos outros instrumentos de ferro, alguns dos quais têm cento e cinqüenta libras de peso, com que se batem, cortam e arrancam as pedras, ou se precipitam com maior perigo do alto: e tudo isto naquelas profundíssimas concavidades, ou infernos, onde nunca entrou o raio do sol, alumados malignamente aqueles infelizes ciclopes só com a luz escassa e contrafeita de alguns fogos artificiais, cujo hálito, fumo e vapor ardente lhes toma a respiração, e muitas vezes os afoga.

Faz aqui padecer a cobiça muito mais do que profetiza Isaías que fará em algum tempo a penitência: *Introibunt in speluncas petrarum, et in voragine terrae; projiciet homo idola argenti sui, et simulacra auri sui, quae fecerat sibi ut adoraret, talpas et vespertiliones* (Is 2, 19 s): Meter-se-ão os homens pelas covas e pelas concavidades mais profundas da terra, não para buscar ouro ou prata, mas, abominando e lançando de si os ídolos, que do ouro e da prata tinham feito, toupeiras e morcegos. - Vede agora estas mesmas figuras como as ajunta e introduz toda a cobiça neste escuro e horrendo teatro da paciência sem virtude. Ali os penitentes arrependidos entram pelas grutas e concavidades da terra; aqui os cobiçosos e enganados também se metem, não pelas covas que a terra tem aberto, senão pelas que eles cavam e rompem à viva força, muito mais penetrantes e profundas. Ali desprezam-se os ídolos de ouro e prata, conhecida sua mentira e vaidade; aqui, estima-se e adora-se tanto a mesma vaidade que, por novos e ocultos caminhos de tantos estádios, se vai buscar e desenterrar o ouro e prata, para se fundirem e lavrarem ídolos. Ali as figuras dos ídolos são toupeiras e morcegos: talpas et vespertiliones - e aqui os homens, desfigurados como toupeiras, vivem debaixo da terra, sem ter olhos para ver a luz, e como morcegos fogem do sol e do dia, e se vão mais sepultar que viver naquela escura e perpétua noite. Ainda tem outra propriedade, porque uns, como toupeiras, com os pés e mãos na terra andam cavando, revolvendo e mudando continuamente, e outros, como morcegos suspensos no ar, estão picando as pedras e sangrando as suas veias com o corpo e com a vida pendente de uma corda. Houve jamais algum anacoreta, dos que habitavam as covas, que fizesse tal penitência? Pois ainda não ouvistes o mais temeroso dela.

Solapadas por baixo aquelas grandes montanhas, todo o peso imenso delas se sustenta sobre pilares da mesma matéria, que vão deixando a espaços, os quais, se enfraquecem ou quebram, como acontece muitas vezes, qual é o efeito? Toda a montanha, ou grande parte dela, cai de repente, e a multidão que andava desenterrando a prata, fica sepultada com ela, em um momento, sem outra notícia de tamanho e tão miserável estrago, que a que deu aos de muito longe o estrondo da ruína, e o tremor de toda a terra. Isto é o que se escreve, e se escreve muito menos do que verdadeiramente é. Baste, por prova, que a sevícia e crueldade dos Neros e Dioclecianos comutavam a morte e os tormentos dos cristãos em os mandar servir e trabalhar nas minas, e a Igreja, que com tanta dificuldade e consideração examina e avalia os merecimentos dos santos, canonizava e venerava por mártires aos que nelas acabavam a vida.

Agora vos pergunto eu: e estes martírios das minas, se as vossas se descobrissem, quem os havia de padecer? Dos degradados não falo, porque os que hoje se degradam para o Maranhão, então se haviam de degradar todos, e muitos mais para as minas. Os cavadores não séreis os mais nobres e ricos da terra, mas quem haviam de ser senão os seus escravos? Quem havia de induzir todos aqueles instrumentos e máquinas por esses sertões dentro? Quem havia de contribuir o sustento, e levá-lo aos trabalhadores? Quem havia de cortar e acarretar àquelas serras estéreis - como são todas - as lenhas

para as fornalhas e fundições? E aqueles lumes perpétuos e subterrâneos, com que óleos se haviam de sustentar, senão com os dos frutos agrestes que aqui se estilassem, e não com os dos olivais que de lá viessem? Sobretudo, se tantos milhares de índios se têm acabado e consumido em tão poucos anos, e com tão leve trabalho, como o das vossas lavouras, onde se haviam de ir buscar outros, que suprissem e suportassem quanto tenho dito? E quais haviam de ser os que, vendo-se enterrados vivos naquelas furnas, não fugissem para onde nunca mais aparecessem, levando o mesmo medo com eles aos demais? Tudo isto não o haviam de fazer nem padecer os que passeiam em Lisboa, porque também estas minas são como as da pólvora, que sempre arruinam, derrubam e põem por terra o que lhes fica mais perto. E isto é o que vós desejáveis para a vossa, e vos entristece, porque não sucedeu como esperáveis?

Ainda falta por dizer o que mais vos havia de destruir e assolar. Quantos ministros reais, e quantos oficiais de justiça, de fazenda, de guerra, vos parece que haviam de ser mandados cá, para a extração, segurança e remessa deste ouro ou prata? Se um só destes poderosos tendes experimentado tantas vezes que bastou para assolar o Estado, que fariam tantos? Não sabeis o nome do serviço real - contra a tenção dos mesmos reis - quanto se estende cá ao longe, quão violento é, e insuportável? Quantos administradores, quantos provedores, quantos tesoureiros, quantos almoxarifes, quantos escrivães, quantos contadores, quantos guardas no mar e na terra, e quantos outros officios de nomes e jurisdições novas se haviam de criar ou fundir com estas minas, para vos confundir e sepultar nelas? Que tendes, que possuís, que lavrais, que trabalhais, que não houvesse de ser necessário para serviço de el-rei, ou dos que se fazem mais que reis com este especioso pretexto? No mesmo dia havíeis de começar a ser feitores, e não senhores de toda a vossa fazenda. Nem havia de ser vosso o vosso escravo, nem vossa a vossa canoa, nem vosso o vosso carro e o vosso boi, senão para o manter e servir com ele. A roça haviam-vo-la de embargar para os mantimentos das minas; a casa haviam-vo-la de tomar de aposentadoria para os oficiais das minas; o canavial havia de ficar em mato, porque os que o cultivassem haviam de ir para as minas; e vós mesmo não havíeis de ser vosso, porque vos haviam de apenar para o que tivésseis ou não tivésseis préstimo, e só os vossos engenhos haviam de ter muito que moer, porque vós e vossos filhos havíeis de ser os moídos.

§ VI

A proposição de Horácio: o ouro é melhor não se achar nem se descobrir que achar-se. As coisas naturais, enquanto estão no seu próprio lugar, em que as situou a natureza, nenhum dano fazem. Enquanto no mundo não houve ouro, então foi a Idade de Ouro: depois que apareceu o ouro no mundo, então começou a Idade de Ferro. Que quer dizer o Gênesis quando diz que no princípio do mundo a terra estava vazia e vazia? Se na doação universal dos bens do Paraíso, Deus entrega como por lista a Adão todas as outras coisas, as minas de ouro e prata por que deixa de fora? O ouro e a prata, pedra de toque dos homens. Plínio e a felicíssima idade em que as coisas se contavam umas por outras: Os discípulos de Cristo e o perigo do dinheiro.

Parece-me que vos vejo dar assenso a tudo o que digo - que por isso desci a coisas tão particulares e domésticas - e também creio que já vossa esperança terá mudado de conceito à vista deste descobrimento de minerais, tão diversos do que ela desejava e supunha, os quais é certo que haviam de ser maiores e mais duros na experiência, do que os pode representar o meu discurso. Fique, logo, por conclusão que muito maior mercê vos fez Deus, e muito mais bem afortunados fostes em não se acharem as minas, que se o ouro e prata, que se supunha e esperava delas, se descobrisse. Ouvi a sentença de um gentio, fundado só na razão natural e experiência, sem nenhum princípio de fé, que a nós nos devia levantar mais da terra: Auram irrepertum, et sic melius situm cum terra celat: O ouro - diz Horácio - é melhor não se achar nem se descobrir, que achar-se: auram irrepertum. E por que? Porque, enquanto a terra o esconde e encobre: cum terra celat - está ele no sítio e lugar que lhe deu a natureza, que é o melhor: et melius situm. - Excelente razão. As coisas naturais, enquanto estão no seu próprio lugar em que as sitiou a natureza, nenhum dano fazem; tiradas dele, são muito danosas. A água no seu centro não pesa; o fogo na sua esfera não queima; a terra, se sobe ao ar, faz raios; o ar, se

se mete debaixo da terra, faz terremotos, derruba casas e cidades; assim também o ouro e prata das minas. Enquanto estão escondidos lá no centro da terra, onde as pôs a natureza, conservam-se inocentes, e não fazem mal a ninguém; mas se se cavam e se tiram fora, então são muito perniciosas, e fazem grandes estragos. Olhai para o passado, se vos não quereis enganar com o presente.

Aquela idade dourada, tão célebre nos primeiros tempos, quem a fez? Parece que a havia de fazer o ouro, e não a fez o ouro que havia, senão o ouro que não havia, porque ainda se não tinha descoberto. Enquanto no mundo não houve ouro, então foi a Idade de Ouro: depois que apareceu o ouro no mundo, então começou a Idade de Ferro: Jamque nocens ferrum, ferroque nocentius aurum prodierat(*). O que era necessário e útil para a vida e conservação dos homens, notou Sêneca, Demócrito, e ainda o mesmo Epicuro, que o pôs a natureza muito perto de nós, e muito descoberto e patente, como são as plantas, os frutos, os animais, pelo contrário, o que não só era inútil, mas pernicioso, pô-lo muito longe de nós, oculto e escondido, onde o não vissemos: e este é o ouro e a prata. Houve-se em tudo a natureza como mãe. A mãe dá a maçã ao filhinho, e esconde-lhe a faca. Por que? Porque quer que coma, mas não quer que se fira, e se o menino chora pelo que o há de ferir, não é justo que os homens de razão e de juízo tenham sentimento de meninos.

Esta mesma doutrina, como tão necessária – porque não cuideis que é só de filósofos – foi a primeira que nos ensinou a Sagrada Escritura logo no princípio do mundo: In principio creavit Deus caelum et terram. Terra autem erat inanis et vacua. (Gên 1, 1 s): No princípio criou Deus o céu e a terra; porém a terra estava vazia e vazia. – E que quer dizer que a terra estava vazia e vazia: inanis et vacua? Quer dizer que estava vazia por dentro e vazia por fora: vazia por dentro: inanis – porque ainda não tinha Deus criado no interior da terra os minerais; e vazia por fora: et vacua – porque também não tinha criado na superfície da mesma terra as plantas, as árvores e os animais. Criou, pois, Deus todas estas coisas naqueles primeiros seis dias, e, fazendo a Escritura muito particular e miúda relação das plantas, das árvores e dos animais, das minas e dos metais não faz menção alguma. Pois, se a Escritura tinha dito que a terra, em sua primeira criação, nascera vazia por dentro e por fora, e relata com tanta distinção e engrandece com tanto aparato como Deus a encheu e povoou por fora, por que cala totalmente, e não diz como a encheu e enriqueceu por dentro? Mais. Depois que Deus teve criado todas as coisas, e o homem, que foi a última, mostrou-lhe as ervas, as plantas, as árvores e seus frutos, e disse-lhe: - Eis aqui toda esta variedade, a qual criei, e vos dou para vosso sustento e regalo. – E fazendo vir diante do mesmo Adão todos os animais, disse-lhe da mesma maneira: - Também de todos estes vos dou o domínio, os quais criei para que vos ajudem e sirvam. – Agora cuidava eu que havia que acrescentar o Senhor: E não só tenho provido e aparelhado, para vosso sustento, serviço e conservação, todas estas coisas que vedes na superfície da terra, mas também lá no centro e entranhas dela, criei muitas minas de metais preciosos, para maior riqueza, grandeza e utilidade vossa, e de vossos descendentes. Mas nada disso disse Deus: tudo passou em silêncio, sem fazer das minas a menor insinuação. Pois, se Deus nesta doação universal entrega, como por lista, a Adão todas as outras coisas que tinha criado para ele, as minas de ouro e prata, que parecia – como hoje parece – que era a melhor e mais rica partida de todas, por que as deixa de fora? Porque todas as outras coisas que estão à face da terra, e o domínio e uso delas, era útil e necessário ao homem para sua conservação e sustento, e ainda para seu regalo; porém as minas, o ouro e a prata, não só não eram necessários nem úteis, mas supérfluos e perniciosos, e ocasião que lhe podia e havia de ser de gravíssimos danos. Por isso, assim como as tinha sepultado e escondido debaixo da terra, assim lhe escondeu e encobriu também a notícia delas, passando totalmente em silêncio, e não fazendo menção de tal coisa.

Mas vejo que me perguntam os curiosos, e me argüem os críticos: se as minas eram tão danosas e perniciosas ao homem, e por isso lhas escondeu e encobriu Deus, por que as criou, ou para que? Para responder a esta pergunta, faço-vos primeiro outra. E a Arvore da Ciência que foi a ocasião e origem de todos os males do mundo, por que a criou Deus no paraíso? Ou aquela árvore era boa ou má - como argumenta Santo Agostinho. - Se era má, para que a plantou Deus? Se era boa, para que a proibiu? Ameaça ao homem com a morte se comer daquele fruto, e pinta o mesmo fruto com tais cores, que levava após si os olhos- Pulchrum oculis, aspectaque delectabile(16)? Sim. Porque aquele fruto tão formoso não foi criado para que Adão comesse ou provasse dele, senão para que Deus

tentasse a Adão, e o provasse com ele. E esta é também a razão por que Deus criou o ouro e a prata, e lhes deu tanta formosura de cores. Quílon, um dos sete sábios da Grécia, dizia que, assim como a pedra de toque prova o ouro e a prata, assim o ouro e a prata são a pedra de toque dos homens. Quereis provar quem são os homens? Tentai-os com ouro e com prata. Do ouro disse o Eclesiástico: Qui post aurum non abiit, probatus est in illo (17); e da prata disse Davi: Ut excludant eos, qui probati sunt argento.

E notai que o que nesta sentença ficou aprovado foi um só: Qui probatus est in illo - e os que ficaram reprovados e excluídos foram muitos: Ut excludant eos, qui probati sunt argento. Ora já que todos os dias pedimos a Deus que nos livre das tentações, ou que nos não meta nelas: Ne nos inducas intationem – demos-lhe muitas graças, pois nos livrou desta, em que nós nos tínhamos metido.

E porque vos não fique a última desconsolação de não terdes com que bater moeda na vossa terra, saibam os que tanto a desejam e procuram que, posto que seja com boa tenção e bom zelo, é esta a maior traição que podem fazer à sua pátria. É possível que vos dê Deus uma terra tão abundante e tão fértil, que só com a comutação dos frutos e drogas dela vos sustentais e conservais há tantos anos, tão abastada e tão nobremente, sem haver nem correr nela dinheiro, e que desejeis e suspireis por dinheiro, sem o qual, e por isso mesmo, vos fez a vossa fortuna singulares no mundo? Plínio, que foi o homem que maior conhecimento teve de todo ele, entre outras muitas sentenças com que condena o uso do dinheiro, e louva o da comutação dos frutos naturais, diz estas notáveis palavras: Quam innocens, quam beata, imo vero et delicata esset vita, si nihil aliud quam supra terras concupisceret? Utinamque posset e vita totum abdicari aurum, ad perniciem vitae repertum, quantum feliciore aevo, cum res ipsae permatabuntur, inter se (18)? Quer dizer: que inocente, que bem-aventurada, e que deliciosa seria a vida dos homens, se eles se contentaram com o que nasce sobre a terra! Oxalá se pudera desterrar de todo o mundo o ouro descoberto para destruição da vida, e se trocaram os tempos e uso presente por aquela idade felicíssima, em que as coisas se comutavam uma por outras. – Até aqui o parecer daquele grande juízo, que ajuntou em si a ciência e compreensão de todos os séculos. E que, tendo-vos Deus feito mercê de que gozeis esta inestimável riqueza e felicidade natural, queirais abrir as portas a um inimigo tão universal e pernicioso como o dinheiro, que, no dia em que entrar na terra, vos há de empobrecer a todos de repente? Ouvi um caso admirável de Cristo, Senhor nosso, com seus discípulos.

Mandou-os o Senhor pregar pelo mundo, e proibiu-lhes nomeadamente que não tivessem ouro nem prata, nem levassem bolsa nem dinheiro consigo: Nolite possidere aurum, neque argentum, neque pecuniam in zonis vestris (Mt 10, 9). Vieram os discípulos da jornada, e fez-lhes o Divino Mestre esta pergunta: Quando misi vos sine sacculo, et pera, numquid aliquid defuit vobis (Lc 22, 35)? Quando vos mandei sem bolsa nem alforje, faltou-vos alguma coisa? – Responderam todos que nenhuma coisa lhe faltara: At illi dixerunt: nihil (Lc 22, 36). – Pois agora vos digo, replicou o Senhor, que quem tiver bolsa e dinheiro o leve consigo, e se tiver alforje, também: Sed nunc, qui habet sacculum, tollat similiter et peram (Lc 22, 36). – Com razão chamei a este caso admirável. Se Cristo tinha mandado aos discípulos sem bolsa nem dinheiro, e eles experimentaram e confessaram que nenhuma coisa lhes faltara, como depois desta experiência e desta confissão, lhes manda agora o contrário, e que levem dinheiro? Se eles tiveram dito que, por não levarem dinheiro, lhes tinham faltado muitas coisas necessárias à vida, então se seguia bem que o Senhor lho concedesse. Mas, tendo-lhes proibido o dinheiro, quando foram a primeira vez, e não lhes tendo faltado nada, agora lhes diz que o levem? Responde, depois de grandes admirações, S. João Crisóstomo. Cristo, Senhor nosso, queria exercitar seus discípulos na paciência, e que padecessem pobreza e falta do que lhes fosse necessário; e como quando foram sem dinheiro, nenhuma destas coisas lhes faltou, mandou-lhes que levassem dinheiro, para que tudo lhes faltasse. Ac si eis dixerit: hactenus cuncta vobis uberrime affluebant, nunc autem volo vos et inopiam experiri (19): Como se dissera o Senhor – diz Crisóstomo: - Até agora, sem dinheiro, tudo vos sobeja; pois agora quero que tenhais dinheiro, para que tudo vos falte, e sejais pobres. – Isto é o que querem, sem entender o que querem, os que desejam que entre e corra dinheiro nesta vossa terra. Se sem dinheiro, e só com uma comutação dos frutos naturais da terra, tendes abundantemente tudo o que é necessário para a vida, e muitos de vós o supérfluo, para que queirais

dinheiro, senão para que tudo custe dinheiro, e, custando tudo dinheiro, todos sejais pobres? Benzei-vos desta tentação como da outra: lograi o que Deus vos deu tão abundantemente sobre a terra, e debaixo dela nem queirais minas, nem o que delas se bate.

§ VII

As minas, causa de opressão e ruína do Reino. Que utilidades se têm seguido à Espanha do seu famoso Potosi? Que faziam os rios de ouro do reinado de Salomão, provenientes das minas do Peru e do Brasil? Os magnetes atraem o ferro e os magnates o ouro.

Mas, antes que acabemos este ponto - com promessa de que o segundo será muito breve - não quero que me acuseis de pouco zeloso da opulência do Reino. E assim como vos tenho mostrado que as minas, no caso em que se descobrissem, seriam de grande dano, em particular para este Estado, assim acrescento agora que também para o mesmo Reino em geral antes haviam de ser de maior opressão e ruína, que de utilidade e aumento. E para que comecemos pelos exemplos mais vizinhos, que utilidades se têm seguido à Espanha do seu famoso Potosi, e das outras minas desta mesma América? A mesma Espanha confessa e chora que lhe não tem servido mais que de a despovoar e empobrecer. Eles cavam e navegam a prata, e os estrangeiros a logram. Para os outros é a substância dos preciosos metais, e para eles a escória. Lá disse Isaías, falando do Reino de Israel: *Argentum tuum versum est in scorium* (20): e o mesmo se poderá dizer sem metáfora da prata de Espanha. Ainda, com mais doméstica propriedade, se lhe pode aplicar o dito do seu mesmo patrão, Santiago : *Argentum vestrum aeruginavit*(21) - pois a prata se lhe tem convertido em cobre, e a fama e opulência de tanto milhão em belhão.

E para que se não engane alguém com me dizer ou cuidar que a evidência deste mesmo exemplo nos servirá de doutrina e emenda, passemos a outro reino, ou a outro reinado mais sábio, qual foi, sem injúria dos presentes nem futuros, o de Salomão. Salomão, com a sua universal sabedoria, descobriu riquíssimas minas, e não outras, segundo opinião de graves autores, senão as mesmas deste Novo Mundo. As do Peru, que os espanhóis descobriram sem as buscar, e as do Brasil, que nós buscamos, e não descobrimos. Funda-se esta sentença no capítulo terceiro do segundo Livro dos Paralipômenos, onde, falando do ouro que daquelas partes vinha a Salomão, diz o texto hebreu: *Aurum erat Paruaim* (22). A qual palavra Paruaim é um nome do plural, cujo singular é Peru, com que vem a dizer o mesmo texto que aquele ouro se trazia de ambos os Perus, ou de um e outro Peru. Assim os declara Genebrardo, peritíssimo na língua hebraica: *Aurum Paruaim in hebraeo appellatur quasi allatum ex utroque Peru*(23). E daqui infere, como coisa evidente, que era tirado das minas deste novo Mundo: *Quis non cernit novum hunc orbem nominari?* E para que se veja que um destes Perus era o que hoje conserva o mesmo nome, e o outro este nosso, que chamamos Brasil - onde só podiam vir aportar as frotas de Salomão - diz o mesmo texto sagrado que uma das coisas novas, e nunca vistas na Ásia, que levavam as mesmas frotas, eram certos paus chamados *ligna thyina*, os quais, dizem os hebreus, citados por Tirino, que eram *lignum Brasilium*: pau do Brasil(24) . O Caldeu *traslada coraliu*: coral, donde parece-lhe deram este nome pela semelhança da cor vermelha. Mas as obras, que o texto aponta se faziam deste pau, não podiam ser do que vulgarmente se chama Brasil, senão de outra madeira preciosa, das muitas que nele nascem.

Isto suposto - e não suposto também - ou fossem desta terra as minas de Salomão, ou de qualquer outra, vamos ao que rendiam, e em que se empregava, que é o que faz ao meu caso. O que traziam as suas frotas a Salomão, só em ouro, eram seiscentos e sessenta e seis talentos, que montam oito milhões, menos oito mil cruzados. Assim o conta pontualmente a Escritura: *Pondus auri, quod afferebatur Salomoni per annos singulos, sexcentorum sexaginta sex talentorum auri*(25). E não só traziam as frotas ouro, senão também muita prata, cuja quantidade era tão imensa na corte de Jerusalém, que, afirma a mesma Escritura, igualava às pedras da rua: *Fecitque ut tanta esset abundantia argenti in Jerusalém, quanta et lapidum*(26). Esta é a imensidade de ouro e prata que rendiam aquelas minas. Mas antes que vejamos em que todo este ouro e toda esta prata se gastava, deixai-me fazer um reparo, digno não só de admiração, mas de assombro e de pasmo.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

